

# “ARTHUR: UM AUTISTA NO SÉCULO XIX”: UM CONVITE A REFLETIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM ESCRITA TERAPÊUTICA

Elisangela Maria da SILVA<sup>1</sup>

Magda Wacemberg Pereira Lima CARVALHO<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i2.3509>

**Resumo:** Será possível vivermos sem amor, sem o prazer compartilhado e sem o valor do encantamento das palavras? Estas são algumas das questões que conduzirão nossa discussão sobre o percurso da Cristina Kupfer que, a partir dos seus personagens, reinventa modos de nos fazer olhar e escutar o autismo nos seus traços, idiossincrasias, manifestações subjetivas e na sua escrita. Metodologicamente, realizamos uma discussão teórica sobre a importância terapêutica da escrita na clínica do autismo a partir de recortes ilustrativos do romance *Arthur: um autista no século XIX*. Mais do que explorar a riqueza poética e a sensibilidade da obra, a autora nos permite ver que, graças a Marguerite, Arthur pôde viver o gosto da palavra escrita e essa não apenas deu forma ao seu pensamento, mas o criou. O leitor descobrirá que a escrita de Arthur lhe permitiu colocar em palavras o que vivenciava, traduzir a lógica de seu autismo e ressaltar a relevância do processo de alfabetização, que permite o exercício de uma linguagem com significação para a transmissão de uma experiência, de uma vivência pessoal, que inclui o corpo e inclui o outro como interlocutor.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Manifestações Subjetivas. Escrita.

---

<sup>1</sup> Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, Pernambuco, Brasil; [elisangelasilva1718@gmail.com](mailto:elisangelasilva1718@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-8404-5190>

<sup>2</sup> Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), Recife, Pernambuco, Brasil; [magdapcarvalho@hotmail.com](mailto:magdapcarvalho@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-4799-9328>

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

## ***“ARTHUR: AN AUTISTIC MAN IN THE 19TH CENTURY”: AN INVITATION TO REFLECT ON THE IMPORTANCE OF THERAPEUTIC WRITTEN LANGUAGE***

**Abstract:** Is it possible to live without love, without shared pleasure and without the enchanting value of words? These are some of the questions that will guide our discussion of Cristina Kupfer’s journey, who, based on her characters, reinvents ways of making us look and listen to autism in its traces, idiosyncrasies, subjective manifestations and in its writing. Methodologically, we held a theoretical discussion on the therapeutic importance of writing in the autism clinic, based on illustrative clippings from the novel *Arthur: an autistic man in the 19th century*. More than exploring the poetic richness and sensitivity of the work, the author allows us to see that, thanks to Marguerite, Arthur was able to experience the taste of the written word, which not only shaped his thinking, but created it. The reader will discover that Arthur’s writing allowed him to put into words what he was experiencing, to translate the logic of his autism and to highlight the importance of the literacy process, which allows the exercise of meaningful language for the transmission of an experience, a personal experience, which includes the body and includes the other as an interlocutor.

**Keywords:** Autism. Subjective Manifestations. Written language.

### **Introdução**

[...] Apenas sei da importância da escrita para todos os homens desde tempos anteriores ao do cristianismo. Sei, por exemplo, que escrever pode transformar as pessoas. Ao escrever, uma pessoa pode ver surgirem, com espanto, sentimentos e ideias novas que não estavam programados para surgir antes de se por a escrever. Posso até dizer, com meus amigos árabes, que a escrita constrói, faz surgir a pessoa mesma, que não é senão o fruto de palavras. Somos aquilo que ouvimos de nossos semelhantes, Marguerite, e nos comprazemos com isso. Nós nos encantamos com essa nova criatura que surge debaixo de nossa pena, que surge com as palavras que ouvimos, que lemos... e que escrevemos (Kupfer, 2021, p. 81).

É na aposta de que há um sujeito pensante e sensível por trás das manifestações autísticas e de que, pela escrita, Arthur possa abandonar sua carapaça em direção ao outro humano, que Cristina Kupfer (2021), a partir da identificação com a personagem Marguerite, reinventa modos de nos fazer olhar e “escutar” o autismo.

Ressaltamos que a ideia de espectro utilizada nas palavras-chave se aproxima do que defende Maleval (2017, p. 84), de que embora a noção de espectro seja vaga e enfrente forte resistência tanto no campo psicanalítico como nas concepções genéticas, sua imposição vem da clínica, não de hipótese etiológica, sugerindo um “mesmo modo de funcionamento subjetivo por trás de uma grande variedade de quadros clínicos”. Segundo essa proposta, os escritos de autistas, que atingem um alto nível de funcionamento na linguagem e na organização social, podem ser tomados como base para pensar o funcionamento estrutural do autismo a partir do que permanece invariável.

Assim, o presente estudo busca discutir noções psicanalíticas sobre o autismo, em especial a noção de prazer compartilhado, que marca a construção da vida pulsional, da qual o autista está privado, a partir da distinção entre o encantamento da palavra e a palavra seca. Busca ainda discutir a experiência de aprendizagem da escrita como um novo encontro com a linguagem, que pode se tornar um ato inaugural para crianças autistas, na sua relação com o campo simbólico, de abertura para a função do Outro<sup>3</sup> e de possibilidade de entrada na linguagem e no discurso (Bernardino, 2015).

Numa tentativa de abordar empiricamente o objetivo proposto neste estudo, recorreremos, a título de ilustração, a recortes de fragmentos do romance *Arthur: um autista no século XIX* para enfatizar a importância terapêutica da escrita na clínica do autismo e como essa escrita pode testemunhar relatos sobre a infância desses sujeitos que demonstram, sobretudo, mudanças em seu funcionamento ao longo do tempo, porém com a dificuldade persistente de tomar a posição de enunciação.

Para uma melhor compreensão, dividimos este estudo em três partes: na primeira, apresentamos, de forma breve, os aspectos gerais do romance e algumas particularidades que moveram a Cristina Kupfer a tratar de um tema que vai assomar no século XXI; na segunda, discutimos a relação entre escrita e inconsciente como uma fundamentação que embasa o funcionamento psíquico de modo indissociavelmente atrelado à linguagem; na terceira e última, fazemos uma reflexão sobre os dois aspectos da aprendizagem da escrita, no contexto da educação terapêutica, a partir de Bernardino (2017), em que o campo simbólico, no que se refere à linguagem escrita, é um corpo regido por regras, elementos ordenados e também uma nova possibilidade de encontro com esse corpo simbólico da escrita, um possível acesso a esse sistema organizado.

---

3 A noção de Outro ou grande Outro é “[...] é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde o seu ingresso no mundo. Trata-se de uma realidade discursiva” (Kaufmann, 1996, p. 385). Nesse sentido, o Outro não é somente outra pessoa, mas um lugar, uma instância a que o sujeito se aliena e, posteriormente, se separa, a fim de constituir sua subjetividade. Esse lugar pode ser a língua, a cultura, a outra pessoa, ou seja, qualquer instância que, de algum modo, funcione como significante para o sujeito.

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

Mais do que explorar a riqueza poética e a sensibilidade da obra, a autora nos permite ver que, graças a Marguerite, Arthur pôde viver o gosto da palavra escrita e essa não apenas deu forma ao seu pensamento, mas o criou. O leitor descobrirá que a escrita de Arthur lhe permitiu colocar em palavras o que vivenciava, traduzir a lógica de seu autismo e ressaltar a relevância do processo de alfabetização, que permite o exercício de uma linguagem com significação para a transmissão de uma experiência, de uma vivência pessoal, que inclui o corpo e inclui o outro como interlocutor.

## Aspectos gerais do romance

Antes de adentrarmos nas narrativas que tecem os encontros/desencontros e apostas na história de *Arthur: um autista no século XIX*, debruçar-nos-emos sobre os andaimes descritos por Kupfer (2021) para a construção do romance.

Já no início da Parte IV, intitulada *O mágico mostra seus truques*, a autora afirma que o romance é o resultado de uma reparação por não ter podido ajudar, enquanto profissional, as muitas crianças ditas autistas fechadas<sup>4</sup> a retomarem o desenvolvimento rumo a uma vida no laço social. Desse modo, a autora teve vontade de recriá-las na ficção e como um exercício de transmissão de sua experiência pela Psicanálise imaginou Arthur, algo que nos remeteu ao romance *Reparação*, de Ian McEwan (2002). Não que Kupfer (2021) traga uma escritora fechada em seu mundo organizado à exaustão e idealizado de forma um tanto neurótica. Mas, porque de posse de um amálgama de tudo que viu, das intervenções bem e malsucedidas que fez e viu fazerem, dos traços e das manifestações subjetivas que teve a alegria de presenciar nas crianças autistas, pensou em Arthur como escritor. E, a partir de sua travessia por cinco análises, surge em espelho a personagem Marguerite, que passa a escrever suas memórias em um diário, reinventando as crianças que carregam uma marca da diferença. Afinal, como nos diz a autora:

Foram muitas as crianças ditas autistas fechadas que vi em minha vida profissional, mas não foram muitas as que eu vi retomarem o desenvolvimento rumo a uma vida no interior da comunidade dos homens e das mulheres do nosso tempo.

Tive vontade de recriá-las na ficção, já que não pude ajudar seus pais a reinventá-las (Kupfer, 2021, p. 247).

---

<sup>4</sup> Compreende-se que as crianças autistas possuem entraves no que concerne ao segundo e terceiro tempo do circuito pulsional, ficando o autista fechado em um tempo autoerótico, sem conseguir receber os júbilos maternos ou se fazer objeto de desejo na sustentação da relação com os outros e com o campo do Outro (Laznik, 2013).

Movida por esse desejo de reparação, a autora nos apresenta uma teoria norteadora e sua posição acerca do fechamento autístico. De acordo com essa teoria, nenhuma criança nasce autista, ela só se tornará autista em função de um curto-circuito produzido pelo fechamento à interação nas relações que leva à defesa de ambos os lados, a saber, o do bebê que se fecha cada vez mais em seus rígidos automatismos psíquicos e o dos outros parentais, que se defendem do sofrimento dessa não relação e desistem dos investimentos.

Essa forma de estar no mundo ou diferença radical de estrutura no autismo, posição defendida por Kupfer e pelos representantes do Lugar de Vida (LV)<sup>5</sup>, parece-nos ser descrita na cena do “Incêndio” e no “Discurso sobre a intolerância”:

O fogo se espalhou pelas cortinas da janela dos fundos, reduziu a cinzas as duas cadeiras estofadas e o tapete que se encontravam diante da janela. Foram necessárias quase duas horas para debelar as chamas. Não houve muitos prejuízos, mas o pior estava por vir. A revolta contra Arthur, que ali começara com a Sra. De Beauvoir espalhando-se depois para os demais amigos, eu não pude debelar. Já fazia algum tempo que meus amigos, liderados por Stéphane, conspiravam contra ele. Não podiam entender minha afeição por ele e me censuravam por perder meu tempo tentando educá-lo. “Arthur jamais falará”, dizia Stéphane. “Não tem futuro nenhum, não vai poder aprender profissão alguma e não terá como viver quando você se for. Marguerite. Pense! Devolva-o a sua família, ou ao que dela restou!”. [...] Podia ter resistido a essa insistência, mas fui levada pelo próprio Arthur a tomar a decisão que tomei. Depois do incêndio Arthur nunca mais foi o mesmo. Parecia ter perdido tudo o que havia aprendido. Nesse último mês, passou dias gritando. [...] Eu o vi sofrer como nunca. [...] Pensei então na única solução que me pareceu possível: levar Arthur para a abadia do Reino e deixá-lo aos cuidados do monsenhor Oliver.

[...] Comecei a escrever essas páginas movida pelo ódio. Cheia de intolerância. Queria esbravejar e gritar aos quatro ventos a minha revolta. Queria gritar para essas criaturas o mal que haviam feito a Arthur; queria dizer-lhes que haviam estragado meu trabalho! Mas pensando no enorme contraste entre a pose intelectual da Sra. De Beauvoir e sua fragilidade de pessoa submetida, como todos nós, ao desejo de ser amada, eu me acalmei. A intolerância é

---

5 O Lugar de Vida é um centro de Educação Terapêutica especializado no tratamento e na escolaridade de crianças com problemas de desenvolvimento (Kupfer; Pesaro; Merletti; Voltolini, 2017, p. 9).

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

um mal desmedido e causa estragos de grande envergadura, mas nasce de nossa fragilidade, da nossa incapacidade de amar de forma incondicional, de nossa incapacidade de nos esquecer de nós, de nossa tão insensata ilusão de nossa grandeza, de nossa infinita capacidade de amar a nós mesmos acima de todos. [...] Arthur não sabe do que estou falando. Mas entrou em contato com a violência da intolerância. Viveu o horror de um rosto crispado pelo ódio e recuou. Se estava aprendendo a amar, esqueceu-se (Kupfer, 2021, p. 163-166).

Pela cena descrita, vemos que Arthur, ao mostrar seu modo de ser, parece ferir a regra mais importante da condição humana: a dependência dos outros. Algo que causa incômodo em todos a sua volta, visto que a essência, a definição maior, o fundamento de nossa condição no mundo é a de sermos tributários, dependentes, apegados ao amor de nossos semelhantes. Mas Arthur mostrou, nas palavras da médica endereçadas à Charlotte, que, pela aposta de Marguerite nele, mesmo sem sexualidade, sem fala e sem corpo sexuado, pode usar sua inteligência para imaginar como sentem as pessoas, apesar de não experimentar em si mesmo esses sentimentos plenos.

## **O encantamento da palavra e a palavra seca**

Passemos agora às palavras em sua face de canto ou de encantamento. Afinal, elas (palavras) podem ou não ser acompanhadas de vibração, de intensidade, de vitalidade, porque são como letra de uma música. Quando cantada, ganha força, ritmo e melodia. Desse modo, cada palavra tem duas faces: uma seca e outra prosódica. Mas, o que seria característico desse registro de fala?

De modo resumido, a prosódia é a parte da fonologia que estuda os traços fônicos que se acrescentam aos sons da fala, a partir de três parâmetros acústicos: intensidade, altura e duração. Assim, em línguas orais podemos identificar alguns aspectos, em termos fonéticos/fonológicos: ritmo mais lento de fala, silabação, prioridade dada às vogais, exagero na entonação, entre outros (Cristóvão Silva, 2003).

Vejamos agora o que traz o diálogo entre Marguerite e o monsenhor sobre a fala endereçada às crianças:

Desde que nasceu, Marguerite, você se preparou para prever o previsível e enfrentar o imprevisível. Muniu-se de lembranças íntimas de todos os movimentos humanos já vistos, registrou-os dentro de você, organizou-os em milhares de pequeníssimas marcas que a orientam na leitura dos movimentos imprevisíveis de seus semelhantes [...].

Mas então Arthur não recebeu essas marcas, essas lembranças dos movimentos humanos? [...].

Sim, estão lá, mas nunca foram traduzidas em nossa língua. Ficaram ali, à espera, e enquanto não houver palavras que as traduzam, ali ficarão, marcas informes, como barro que não foi moldado pelas mãos, nesse caso, pelas palavras humanas (Kupfer, 2021, p. 51).

No fragmento acima, Kupfer (2021) expõe uma forma de conceber a constituição psíquica que nos parece primordial para o entendimento do que ocorre com a criança autista, uma vez que, seguindo a autora, podemos dizer que se quisermos ajudar uma criança, autista ou não, a se engajar na relação com os outros será necessário nos debruçarmos sobre o modo como essas relações se constroem e operamos sobre elas.

Para introduzir esse ponto, começemos por considerar os laços do *infans* com o Outro, que abordaremos pela relação entre escrita e inconsciente como uma fundamentação que embasa o funcionamento psíquico de modo indissociavelmente atrelado à linguagem. Algo já proposto nas diversas formulações de Freud (1987), a partir dos traços mnêmicos, e nas diversas formulações de Lacan (1961-1962) e (2008), a respeito do conceito de “letra”, isto é, a respeito da inscrição do objeto que se faz no corpo. Convém ressaltar que esse conceito será tratado mais a frente.

Freud (1987, p. 336), no *Projeto para uma psicologia científica*, diz que o primeiro contato que o sujeito a advir tem com a realidade é por meio do que ele denomina *Nebenmensch*, semelhante, visto que nesse momento de desamparo inicial a criança necessita de uma “ajuda alheia para realizar uma ação específica, a experiência primária de satisfação”. E é esse outro assegurador que atribui ao choro do bebê uma intenção de comunicação.

Notemos que, desde o início, o sujeito necessita de um outro para introduzi-lo na linguagem, necessitando também da linguagem para ter uma representação de seu corpo próprio e nesse processo de inscrição dos significantes primordiais, o outro e Outro estão implicados no modo como se concebe a busca pela satisfação no estabelecimento dos circuitos pulsionais, visto serem os estímulos endógenos como “derivado das pulsões” (Freud, 1987, p. 333).

Explicando melhor, no texto *A pulsão e seus destinos*, Freud (1996, p. 129) afirma que “a pulsão tem origem no corpo, considerada como um estímulo para o psíquico, algo que, de fora, exige um trabalho do aparelho psíquico levando-o a funcionar”. É nessa

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

direção que na condição de força que atua sobre o aparato psíquico, a pulsão é o que lhe dá mobilidade, possuindo duas características essenciais: “sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como força constante”. Desse modo, a pulsão não tem origem no psíquico, porque sua gênese é somática, ou seja, a fonte da pulsão é o corpo.

Assim, para autor, a pulsão trata-se de:

[...] um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (Freud, 1996, p. 129).

No trecho, vemos que o corpo é fonte de estimulação constante para a pulsão, a qual penetra como exigência de trabalho no aparelho psíquico. Consistindo num componente, oriundo de uma estimulação do organismo, que penetra no campo psíquico. Vemos também que esse conceito é tratado como um conceito-limite por se referir aos enlaçamentos entre as materialidades heterogêneas do corpo e da linguagem.

A propósito dessas inscrições dos primeiros encontros do neonato com o outro que o materna, da inscrição dos significantes primordiais, Jerusalinsky (2009, p. 48) aponta que:

O modo como essa pessoa experiente sustenta o estabelecimento do circuito pulsional terá um papel decisivo nos primórdios da constituição do aparelho psíquico do bebê – não só por propiciar a experiência de satisfação, mas por estabelecer, a partir de seu próprio psiquismo, uma função de interpretação das ações do bebê (do seu choro, postura, tônus, gestualidade), um saber acerca do que poderia chegar a satisfazê-lo.

Assim, podemos perceber que na “constituição psíquica” os estímulos não se inscrevem por força ou por insistência, mas por um funcionamento significativo, em que “diante dos estímulos endógenos do bebê é preciso um Outro encarnado que atribua intenção de comunicação ao seu grito”, produzindo satisfação na criança (Jerusalinsky, 2009, p. 68).

Aqui podemos destacar o circuito pulsional, que é composto de três tempos: no primeiro tempo, encontra-se a pulsão oral, que Freud denomina de “ativa”, pois o bebê vai em busca do objeto oral (seio ou mamadeira); no segundo tempo, o bebê



apresenta uma capacidade autoerótica, ao chupar a mão ou o dedo, em uma experiência alucinatória de satisfação; finalmente, completando o circuito pulsional, há o terceiro tempo, também chamado de “satisfação pulsional”, no qual a criança se fará objeto do Outro materno, alienando-se a este (Laznik, 2003, p. 28). Para esta autora, salta aos olhos o prazer partilhado, em que um bebê estende um pé apetitoso em direção à boca de sua mãe que se delicia.

Essa iniciação à linguagem e ao prazer compartilhado não se faz na solidão, quer dizer, a criança necessita do Outro primordial, representado pela mãe ou quem desempenha essa função, que em um movimento de harmonização rítmica, jogos de respostas e ecos permite um encontro entre o bebê e seu companheiro de experiências de prazer. Isso porque chupar a própria mão ou pé torna-se insuficiente para o bebê, ele, agora, precisa envolver outra pessoa nesse prazer e com ela compartilhá-lo. Mas, e quando esse movimento em direção ao Outro primordial não acontece? E quando uma criança é capaz de sentir prazer, mas os outros não entram em seu universo como parceiros do prazer? E quando não se deixam marcar pelas palavras encantadas?

Sobre o prazer compartilhado, momento particular de jogo ou encantamentos, Laznik (2003, p. 28) nos diz que é muito ativamente que o bebê vai se fazer, ele próprio, objeto do gozo do Outro materno. “O bebê vai à pesca do gozo de sua mãe, enquanto ela representa para ele o grande Outro primordial, provedor dos significantes”. Desse modo, vemos que nada do que se manifesta do lado do bebê deixará de ser significado pelo Outro primordial: as manifestações de choro serão percebidas como indicando fome, sono, desamparo etc., introduzindo um intervalo no jogo de tensão e apaziguamento que comanda as primeiras trocas (Freud, 1987). É nesse intervalo que algo do corpo do bebê virá à cena, pela via do grito e/ou choro.

Vemos, então, que para pensar a relação entre corpo e linguagem é imprescindível incluir a dimensão à qual nos referimos, a partir da leitura lacaniana de Freud, como gozo, como o deleite tributário do fato de que toda criança, em relação ao outro, ocupou primordialmente a posição de objeto de posse, uma vez que este (gozo) responde pelos efeitos colonizadores dos ecos do dizer materno dirigido ao bebê (Leite; Souza Jr., 2021).

A partir disso, Kupfer (2021) formula que cada palavra possui duas faces, uma que se mostra de modo seco e outra em seu canto. Ater-nos-emos sobre a primeira face. Para tanto, buscaremos a teorização de Maleval (2017) para quem a entrada do autista na linguagem se faz pelo primado do signo, visto que diante do predomínio de referências imaginárias e da falta de acesso ao significante, os primeiros elementos da linguagem sejam processados como relações entre a coisa e a palavra, de forma biunívoca – palavra seca – e não como relações de representação entre significantes – palavra cantada.

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

É interessante destacar que a noção de signo utilizada pelos autistas pertence à ordem de signos e apresenta relação com a ideia defendida por Charles Peirce (2005, p. 46) que entende “um signo, ou *representâmen*, como aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, implicando necessariamente uma relação triádica, na qual:

Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto* [...] não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do *representâmen* [...] (Peirce, 2005, p. 46).

Nessa direção, o linguista enfatiza o fato de que o signo apenas representa o seu objeto, refere-se a ele, sem pressupor um reconhecimento deste, e guarda sua particularidade, sobretudo, na relação mantida com o interpretante, por seu modo de significar. “O Signo em si mesmo retém seu significado total quer seja efetivamente afirmado ou não” (Peirce, 2005, p. 54).

Peirce (2005, p. 53) estabeleceu uma série de divisões dos signos, dentre as quais estão as três tricotomias: a primeira tricotomia refere-se ao signo com relação a ele próprio; a segunda tricotomia refere-se ao signo com relação ao seu objeto, e nela um signo pode ser denominado “Ícone, Índice ou Símbolo”; a terceira tricotomia refere-se ao signo em relação ao interpretante e divide os signos em “Rema, Dicissigno e Argumento”. Determos-emos sobre a segunda tricotomia, porque Maleval (2017) se utiliza dela na elaboração da hipótese do primado do signo no autismo, por esta indicar o caráter interpretativo do signo – sua relação com o objeto.

De modo resumido, Peirce (2005, p. 76) apresenta o Ícone como aquilo que materializa algo do seu objeto, sem estabelecer uma conexão dinâmica com este, possuindo apenas qualidades semelhantes, única maneira de comunicar diretamente uma ideia, são exemplos de ícone: formulações algébricas, fotos e diagramas, dentre outros. O Índice, diferentemente do Ícone, está fisicamente conectado a seu objeto, é afetado por este, tendo ambos alguma qualidade em comum, são exemplos: um relógio é índice das horas; um barômetro é índice da chuva, entre outros. O Símbolo refere-se ao objeto em virtude de uma lei geral, conectando-se ao objeto pela força de uma ideia geral, na qual o interpretante tem papel fundamental no estabelecimento dessa conexão. O Símbolo, em si mesmo, não identifica o objeto, mas “é aplicável a tudo o que possa concretizar a ideia ligada à palavra”. O autor sustenta que o Símbolo é a mais importante divisão do signo.

A partir disso, Maleval (2017) vai retomar e fazer uma apropriação da semiótica de Pierce, afirmando que os autistas privilegiam o ícone e o índice porque mantêm uma correlação fixa com aquilo que significam; ao passo que o mais elaborado, o símbolo, implica um gênero de coisas e não uma só, permanecendo de difícil acesso para os autistas, por ser mais abstrato e se dá no uso do significante.

Desse modo, Maleval (2017) conclui que, pela lógica da primazia do signo, os autistas buscam estabelecer um índice das situações ou informações obtidas e armazenadas, formando um vínculo entre a situação e o texto, obedecendo ao princípio do ícone. Assim, extraem recursos dos signos, em uma espécie de saída por não dispor do significante, realizando uma memorização não por uma gramática ou uma lógica significante, mas por outros elementos, como imagens. Essa primazia leva o autista a considerar cada elemento linguístico isolado do contexto, entendendo que os signos são independentes uns dos outros, diferentemente do significante.

A aposta de Maleval (2017) é a de que a aquisição da compreensão da linguagem no autista passe mais pelo escrito textual, por este manter maior proximidade com as imagens mentais do que com os signos sonoros, que se apresentam mais difíceis de suportar e, portanto, de memorizar. Isto implica que na origem da defesa autística há um corte da conexão entre gozo e significante, mostrando que o ideal para os autistas seria um positivismo lógico, em que a ordem simbólica se enoda com o real sem mediação do sujeito.

Maleval (2017, p. 226) nomeia esse ordenamento mnemônico dos signos de “signos de síntese do autista” e aponta sua diferença em relação aos significantes do inconsciente pelo fato de o signo não apagar a coisa representada e não representar a pulsão. Algo que pode ser observado nos testemunhos dos autistas que ressaltam a desconexão entre linguagem e afetos. São signos que funcionam conforme a maneira própria de cada autista, contendo coerência e regularidades internas distintas em cada um.

É interessante localizarmos aqui que, para Maleval (2017, p. 119-120),

O autista é afetado pela negatividade da linguagem [...]. Contudo, esforça-se para não se engajar no mundo dos significantes [...]. As frases irruptivas, endereçadas, perfeitamente formadas, revelam que o autista não passa totalmente ileso pela captura do significante, mas ela é insuportável para ele [...]. Os signos que ele utiliza não o dividem: ora não vêm do Outro, são invenção do próprio sujeito e carregam apenas uma expressão alusiva ou incerta; ora estão separados da enunciação para transmitir informações rígidas e desprovidas de

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

afetos. O essencial continua sendo, para ele, manter o controle do gozo vocal – não cedendo à perda.

Essa marca alusiva, incerta ou marca informe refere-se à palavra seca, em que não há encanto. Nessa lógica, cada coisa deve ter apenas um nome. As correspondências se tornam rígidas e precisam ser imutáveis. Desse modo, um autista adoraria viver em um mundo em que cada coisa tem um nome só. Manga não poderia ser um nome para uma parte do vestuário e também para uma fruta.

Em resumo, a distinção entre palavra cantada e palavra seca está situada, segundo Kupfer (2021), a primeira, na lógica do significante e supõe que as palavras aprendidas passaram necessariamente pela subjetividade dos outros que lhe ensinaram essas palavras. Supõe ainda que essas palavras não existem apenas em sua dimensão intelectual, elas existem articuladas, também necessariamente, ao corpo da criança. Já a segunda é marcada pela ausência de articulação entre as palavras e o corpo, deixando as palavras sem ancoragem e os sons desarrimados. Desse modo, também o corpo do autista, por não se organizar a partir das palavras dos outros, torna-se um corpo não unificado, sempre em risco de se desmontar. O corpo também deixa de ser construído como ferramenta de comunicação ou de conexão com os outros e fica reduzido à sua dimensão funcional, de uso prático (para andar, comer, alcançar objetos, entre outros).

Assim, vemos que uma dupla consequência decorre disso: a primeira concerne ao valor da linguagem, em que o sentido irá adquirir um sentido unívoco; a segunda incide na não organização do corpo, em que a imagem corporal do autista não se construiu. Quais são as implicações dessa dupla consequência? Segundo Maleval (2017), a adesividade do signo ao referente o torna impróprio a codificar afetos que se expressam de forma diferente em cada um, que possuem nuances que são muitas vezes fugitivos e mutáveis e que é difícil de objetivar. O resultado disso é que as emoções são aprendidas de maneira intelectual. O corpo-carapaça é uma das respostas possíveis frente ao risco de desmantelamento, obtendo, assim, um corpo fechado, sem furo. Isso corresponde à necessidade de construir uma borda<sup>6</sup> real, na falta de ter podido se construir uma abordagem interna, uma imagem do corpo, implicando na não construção do prazer compartilhado.

Sobre o valor concernente à linguagem, Maleval (2018) enfatiza que o caráter discreto do signo só dá acesso a uma memorização fragmentada, que certos autistas, graças

---

6 A borda protege de um Outro real ameaçador. Na leitura de Vorcaro (2017, p. 11-12), a borda é edificada “a partir de uma barreira autossensual gerada por estímulos corporais que cria condições para desenvolver a imagem do duplo, a ilha de competência e o objeto autístico que separam sua realidade perceptiva do mundo exterior”.

a um trabalho intenso de memorização apoiado na visualização, são capazes de tornar mais ou menos coerente. As crianças típicas<sup>7</sup> não têm esta dificuldade. Os elementos que estruturam seu pensamento e seu ser são situados em conjuntos estruturados. Os significantes, segundo Saussure (1972, p. 103), estão sempre inseridos em “uma cadeia” e se reúnem em uma sincronia regida pelas leis da gramática, que é espontaneamente assimilada no seu aprendizado. Por esta razão, os linguistas consideram que, entre os dezoito e os vinte e quatro meses, as crianças típicas são verdadeiros “gênios gramaticais”. É nessa idade que as crianças fixam o sistema gramatical que governa a língua.

Nessa direção, Maleval (2019) vai enfatizar que uma distinção importante na aquisição da linguagem pelo autista está na ausência de aquisição espontânea da gramática inerente ao sistema de significante e isso força-os a aprendê-lo pela memorização. Como alguns autistas conseguem fazê-lo tão bem, a ponto de se transformarem em gênios mnemônicos e conseguirem soltar ou flexibilizar a conexão com o referente, Maleval (2019, p. 66) lança um questionamento: “Quando o signo se torna flexível e combinatório, não se torna um significante?”.

A partir desse questionamento, o autor vai argumentar que, embora se assemelhem aos S2, diferem deste por não apagar completamente a ligação com o referente. Mesmo nos autistas mais estruturados, em que os signos se tornem menos rígidos e se estabeleça certa conexão com os afetos, eles (signos) permanecem rigorosamente organizados em sequências metonímicas, não se operando o atravessamento da barra da metáfora. Por essa razão, o autista não responde à definição de sujeito dada por Lacan: ele não é representado por um significante junto a outro significante. Ele resiste ao advento do sujeito dividido, resistindo a uma perda do controle da linguagem. É o que nos parece revelar a impressão que Marguerite tem de que:

Arthur pensa sem palavras. São impressões informes, que ele deseja comunicar para nós e não consegue. Ontem de manhã ele queria que eu desenhasse para ele a figura que havia visto momentos antes em seu livro de imagens. Trouxe seu caderno e seu estojo [...]. Selecionou a cor azul, colocou-o em minha mão e levou-o junto com ela para a folha de papel. Em seguida, bateu minha mão sobre a folha, o que me fazia entender que queria um desenho. Mas qual?; perguntei. Sabia que ele havia folheado o livro de figuras de animais, mas ele não me mostrava a figura escolhida. Eu precisava adivinhar! Ia desfiando cada um: é o urso? O lobo? O javali? A cada apontamento ele respondia com um

---

<sup>7</sup> São aquelas crianças cujos progressos e aprendizagens estão de acordo com o esperado para suas idades.

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

manejo de cabeça. (Estávamos nos comunicando, o que me deu uma alegria intensa, represada em seguida, já que eu conhecia Arthur o suficiente para saber que minhas manifestações de alegria muito intensas produziam nele um efeito de afastamento).

Arthur estava começando a ficar irritado. Em certo momento, disse baixinho “De”. Imaginei que era a palavra desenho que ele estava tentando pronunciar. Mas fez um gesto que eu ainda não havia visto: tampou seus ouvidos, parecendo incomodado com a sua própria voz! Já o tinha visto fazer esse gesto antes, parecendo estar incomodado com a voz de uma pessoa. Agora, porém, era a sua própria [...] (Kupfer, 2021, p. 136).

Pela cena descrita, vemos que essa forma de estar no mundo envolve um sofrimento muito grande, porque o que constitui o mundo das relações (interação, comunicação) não se estabelece em função desse mecanismo de exclusão. Com isso, Arthur não é somente levado ao mutismo, às bizarrices, gestos repetidos, ataques de fúria, apego à rotina, mas também se encontra sobrecarregado pelo valor adquirido de dilaceramento que é o encontro da linguagem e do corpo e que o deixa à mercê de um Outro onipotente, ou até voraz. Disso resulta uma recusa em convocar esse Outro, mas isso não significa que ele passe totalmente ileso pela captura do significante, como indicam as “marcas informes” descritas na epígrafe. Mas, como fazer para que essas marcas permaneçam ou tenham vigor? Que nome pode ser dado àquilo que acompanha a marca para que se torne tão significativa?

Para Kupfer (2021), há muitos nomes: amor, aposta, entre outros, que são o motor da vida e esse vigor, essa força que é propriamente humana move montanhas, faz marcas nas crianças, fazendo com que elas sejam quem são. O veículo maior dessa força que move montanhas são as palavras que precisam estar carregadas com amor, se quiser que sejam ouvidas pelas crianças. É esse vigor que torna as palavras encantadas. É nesse sentido que as palavras cavam o corpo e transformam a criatura que nele habita.

Pensar os efeitos das palavras sobre o corpo do bebê é trazer à discussão o conceito de ‘lalíngua’ que não se confunde com uma língua, tampouco com a linguagem, tratando-se de um funcionamento em que os fragmentos prescindem de significação linguística e são destacados pela maneira que soam, ressoam e repercutem no corpo (Leite; Souza Jr., 2021).

O ressoar indica que lalíngua tange ao corpo, visto ser ela a musicalidade da linguagem. E engodada por lalíngua a criança se deixa fisgar pela linguagem e vai utilizar

esses jogos sonoros para o prazer no balbucio. Mas se o bebê não é reativo às interações, tudo o que se refere a elas, rosto, emoções, voz, não é recebido. O autista tenta negatizar essas singularidades, entretanto, como enfatiza Orrado e Vivès (2021), a presença da melopeia na sua infância prova que é possível um enganche no sonoro. A melopeia aponta o uso que o autista faz de sua voz para produzir uma melodia ou cantarolar sem que nenhuma fala seja distinguível. É o que descreve Marguerite ao observar que:

Arthur gosta de música, mas não pode cantar. Ele é capaz de brincar com os sons que saem às vezes de sua boca, mas estes não têm a intenção comunicativa, porque Arthur não aprendeu a fazer voar sua voz em direção a alguém. Ele é capaz de imitar uma melodia no piano sem titubear, nem ficar procurando a nota certa. Ele ouve a melodia e a reproduz por igual. Como é possível para ele ouvir cada nota em separado e não ouvir cada palavra de uma frase que lhe é dita? (Kupfer, 2021, p. 97-98).

A interrogação de Marguerite sobre o que Arthur ouve nos faz pensar no que traz Maleval (2017) sobre os modos possíveis de inserção da pessoa autista na linguagem serem da ordem da criação, seja de uma língua do intelecto, constituída por signos sem afetos, partilhável com outros, como a escrita; seja de uma língua privada, atrelada aos sentimentos, opaca para os outros. Ou seja, uma linguagem constituída de signos, ora alfabéticos, ora visuais, ora sonoros. E, se o autista pode aceitar se comunicar, mas não falar, isso se dará sob determinadas condições.

Neste sentido, há dois canais principais para a entrada do autista na linguagem: o primeiro canal caracteriza-se pelos balbucios pobres e ecolalias, nos quais a significação está desconsiderada e que se desdobram em uma língua verbosa; o segundo canal caracteriza-se pela escrita, na qual o gozo vocal está excluído e que desemboca na língua factual, “apta à comunicação, mas desprovida de afetos” (Maleval, 2018, p. 7).

A língua factual, também denominada de língua funcional, permite a comunicação por meio de signos, sejam escriturais ou sonoros, não por meio de significantes. Ela é marcada por um tom monocórdio, sem ceder o gozo vocal, depurando daí somente elementos linguísticos. Maleval (2018) a divide em língua factual dos signos fixos e dos signos ordenados. Essa língua funcional, embora esteja às voltas com o discurso<sup>8</sup> do Outro, costuma ainda configurar um certo monólogo, sendo bastante descritiva e não intencional, apesar do esforço em comunicar. Trata-se, na perspectiva espectral, de um

---

<sup>8</sup> Pensado em seu funcionamento linguístico-discursivo, na medida em que se entende que o que faz o corpo falar é uma língua falada por outros.

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

segundo momento no funcionamento de autistas que buscam romper a solidão que sentem, sendo, por isso mesmo, mais frequente nos autistas de alto funcionamento.

Assim, vemos que, consoante Maleval (2015, p. 14), a “aquisição de saber, produzida na cifragem do gozo pela entrada do sujeito na cadeia significante, não funciona na língua factual”, visto que, pela rigidez do signo, cuja primazia na língua factual incita o sujeito a buscar primeiro o significado da palavra, não a situa em oposições significantes. Mas, e as experiências relatadas pelos autistas que escrevem?

### **Arthur escritor: um novo encontro com a linguagem**

Agora Arthur abandonou a máquina. Parece que finalmente tomou posse de suas mãos. Começou fazendo letras duras, como as que primeiro aprendemos a escrever, mas agora soltou o gesto. Já tem uma pequena caligrafia, e nela é possível ver seu retrato, como costuma acontecer na caligrafia de todos nós: elas são espelhos de nossa alma (Kupfer, 2021, p. 154).

No tópico anterior, vimos que o enlace entre corpo e linguagem se produz porque num primeiro momento esse corpo recebe traços, marcas, ele é tocado de diferentes modos: por sons, imagens, cheiros, toques. Vimos também que é o desamparo humano do ponto de vista biológico e simbólico que abre caminho para essas inscrições que vêm de fora.

Sobre essas marcas, essa escrita, Elsa Coriat (1997) propõe a metáfora de que o corpo do bebê é como uma folha em branco e que a mãe, ao cuidar dele, investindo com seu desejo, seus afetos, escreve nessa “folha”, traçando nesse corpo uma geografia erógena: lugares que foram tocados, investidos. Assim, são essas experiências e a estrutura que as organiza que fundam o psiquismo do bebê.

Aqui estamos diante do que Lacan (1961-1962) chama de letra, uma inscrição do objeto que se faz no corpo. Desse modo, a letra se constitui na marca que fica da experiência prazerosa, que funda a articulação linguagem e corpo. É desse processo de constituição subjetiva que advirá o sujeito do desejo. Mas, se há uma falha nessa articulação entre linguagem e corpo, pode-se até ter a possibilidade de aprendizagem, porém o corpo ficará de fora, ou se dará de um modo bem particular.

Uma primeira observação que podemos fazer é que dessa falha na constituição subjetiva, que introduz o filhote humano na linguagem, acarretará para a criança autista uma situação peculiar, de não inscrição do significante, da não experiência pulsional,



erógena, de desejo, ou seja, uma não inscrição do sujeito. Havendo nesse lugar de inscrição um real, uma ausência de inscrições (Kupfer, 2000).

Esse modo singular de se posicionar diante da linguagem conduz, consoante Bernardino (2015), a efeitos clínicos observáveis, como a relação refratária com o agente do Outro, que a deixa de fora da dialética da demanda e do desejo, dialética essa encarregada de situar o gozo corporal do vivente em um gozo fora do corpo, investido em objetos que se trocam/compartilham com o agente do Outro no circuito pulsional. Desse modo, a criança não surge como ser libidinal, permanecendo presa a um gozo estranho e ao corpo real e sua relação com o campo da linguagem não se efetiva pela via da fala própria, como já mencionado.

E os escritos dos autistas? Como isso se dá? Vamos abordar tais questões pela via do que se discute no âmbito da chamada Educação Terapêutica<sup>9</sup>, que vê a experiência de aprendizagem da escrita como um novo encontro com a linguagem, podendo se tornar um ato inaugural para essas crianças, na sua relação com o campo simbólico, de abertura para a função do Outro e de possibilidade de entrada na linguagem e no discurso (Bernardino, 2015).

Para Kupfer (2007, p. 55-56), idealizadora do “Grupo da Escrita no Lugar de Vida”, criado em 2002, a base da escrita alfabética está no escrito inconsciente, isto é, nesse “sistema de marcas inconscientes que rege o funcionamento do aparelho psíquico, inicial, fundamental. Esse escrito está na base das manifestações do sujeito do inconsciente; um sujeito pode surgir falando, desenhando, sonhando, fazendo lapsos e escrevendo”.

Neste sentido, vemos que, para a autora, a escrita, bem como as outras formações do inconsciente, teria uma origem comum que é a própria estrutura do inconsciente, pois é a partir do escrito inconsciente que se organizam as demais escritas: o sonho, o desenho e a escrita alfabética.

Em função disso, a concepção que orienta o trabalho no “Lugar de Vida” é a de que a escrita deva ser trabalhada em sua dimensão simbólica, dimensão significante que difere da escrita instrumental em sua dimensão técnica. Por isso, apostam que a escrita possa se constituir como instrumento de tratamento na tentativa de promover, ainda que ortopedicamente, alguma entrada da criança na linguagem.

---

9 A Educação Terapêutica é um conjunto de procedimentos terapêutico-educacionais que visa ao restabelecimento ou à construção da estruturação psíquica de crianças com entraves estruturais em seu desenvolvimento psíquico. Esses procedimentos são de caráter multidisciplinar e são dirigidos às crianças, a seus professores e a seus pais (Kupfer; Pesaro; Merletti; Voltolini, 2017, p. 11).

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

Sobre a aprendizagem da escrita, no contexto da educação terapêutica, Bernardino (2017) aponta que precisamos observar dois aspectos: o primeiro é que o campo simbólico, no que se refere à linguagem escrita, é um corpo regido por regras, elementos ordenados, um sistema de uso das letras, um sistema gramatical, um léxico. O segundo refere-se a uma nova possibilidade de encontro com esse corpo simbólico da escrita, um possível acesso a esse sistema organizado. Mas, para que o uso da linguagem permita acessar uma fala própria, esse encontro precisa ser personalizado, do contrário se tornará uma aquisição meramente cognitiva da linguagem. Nas palavras da autora:

Sabemos pelo depoimento de alguns autistas que escrevem que isso não deixa de ter uma função, que a criança, o adolescente, podem fazer uso desse banco de dados que se constituem pela aquisição cognitiva para responder a alguma situação segundo a forma que aprendeu. Seria uma espécie de colagem, aprender a escrever ou a ler sem se apropriar do processo. No entanto, não é um uso da linguagem que permita acessar uma fala própria.

As experiências clínicas mostram que a presença de um interlocutor é fundamental. Pois pode haver uma relação em que afetos se fazem presentes, e também o corpo de cada um (Bernardino, 2017, p. 103-104).

Assim, vemos que, para a autora, a forma como a pessoa autista se relaciona com o campo da linguagem escrita é fundamental, uma vez que nem sempre ela ficará de fora do discurso, quer dizer, a linguagem escrita enquanto construção linguística cujo discurso dependente do contexto de produção permitirá à pessoa autista descobrir que, ao expressar-se, pode demonstrar sua afetação pela reação do outro. É o que testemunha Arthur, que não consegue demandar, mas consegue se apropriar da mão de Charlotte e usá-la como apoio para desenhar letras no papel.

Charlotte deixou-se conduzir. Ficou apoiando enquanto Arthur apanhou um lápis com o braço sustentado por Charlotte. Ele começou em seguida a desenhar letras no papel. Charlotte disse alegremente que ele estava escrevendo e retirou o apoio de sua mão. Arthur teve uma reação que não entendi: ficou agitado, contrariado e parou de escrever. Charlotte voltou a colocar sua mão no braço de Arthur, segurando-o levemente como antes, mas Arthur não quis mais escrever.

Já o vi pegar em meu braço outras vezes, conduzindo-o até um objeto qualquer que ele quer pegar. Mas não pega, usa meu braço para isso (Kupfer, 2021, p. 149).

A cena descrita nos permite identificar que o desafio se situa ao redor da demanda e do desejo do outro. Embora a escrita evite solicitar o objeto voz numa sonorização, ela não consegue preservar Arthur do seu encontro com o Outro. A cena permite-nos identificar ainda a tese de Maleval (2017, p. 169) sobre a falta de “animação pulsional” no autista, sendo necessário a ele tomar emprestado, seja de um objeto autístico ou, no caso de Arthur, da mão de Charlotte e de Marguerite.

Para Orrado e Vivès (2021), o uso da escrita pelo autista tem diversas funções: dar forma às suas angústias, permitir estar entre os demais, constituir-se num espaço de contato com o Outro e um lugar de endereçamento que não seja ameaçador demais.

Para Kupfer (2021) e o Grupo do Lugar de Vida, essa nova oportunidade de poder se dizer pela via da escrita pode incentivar a criança a querer falar, a se deixar fisgar por essa vivência de se comunicar com alguém. Afinal, para a criança autista, o acesso à linguagem escrita pode ser um “agente estruturante de sua subjetividade” (Lerner, 2008, p. 152).

## **Considerações finais**

Para além da riqueza poética e sensibilidade, o romance da Cristina Kupfer (2021) convida-nos a repensar a relação do autista com a linguagem escrita e da possibilidade desta o colocar no lugar social de contador de histórias.

Ao discutirmos sobre a noção de prazer compartilhado ou sobre as palavras em sua face de canto, de prosódia, vimos que o enlace entre corpo e linguagem se produz porque, em um primeiro momento, esse corpo recebe traços, marcas, ele é tocado de diferentes modos: por sons, imagens, cheiros, toques. Mas, para Arthur, essas marcas informes ficaram à espera para serem traduzidas, uma vez que para a criança autista não se construiu o prazer compartilhado.

Destacamos também que a relação com o campo da linguagem não se efetiva pela via da fala própria. Podendo haver uma fala ecológica, uma colagem ao signo, pode ainda entender tudo de diferentes campos de conhecimento sem articular com sua experiência pessoal. E tudo isso porque a escrita primeira, que permite atrelar corpo e linguagem, falhou (Bernardino, 2017).

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

Por fim, pensamos que a posição tomada pela autora em dar a Arthur um destino de escritor evidencia a importância terapêutica da escrita na clínica do autismo, uma vez que o trabalho com a escrita se dá pela dimensão simbólica desta. Dimensão significativa e não de modo instrumental, dimensão técnica. Desse modo, a escrita pode se constituir como instrumento de tratamento, como um anteparo para identificação com os outros, como âncora, como corpo. É o que parece mostrar a carta de Arthur, de 24 de março de 1912, ao relatar que: “Gosto de escrever. Cada palavra escrita funciona para mim como uma âncora, que me põe no chão, faz estar em contato com outros, e me dá um corpo, uma consistência que só as letras parecem formar” (Kupfer, 2021, p. 215).

## Referências

BERNARDINO, L. M. A importância da escrita na clínica do autismo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 504-519, set./dez. 2015.

BERNARDINO, L. M. F. O papel fundamental da escrita na educação inclusiva. *In*: KUPFER, M. C.; PATTO, M. H. S.; VOLTOLINI, R. (org.). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta, 2017.

CORIAT, E. **Psicanálise e clínica de bebês**. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1997.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia científica. *In*: **Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. A pulsão e seus destinos. *In*: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. XIV.

JERUSALINSKY, J. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

KUPFER, M. C. **Arthur: um autista no século XIX**. São Paulo: Escuta, 2021.

KUPFER, M. C. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.

KUPFER, M. C. Inconsciente e escrita: um corpo que cai. *In*. NASCIMENTO, E. V.; GONZALES, R. C. F. (org.). **Psicanálise e os desafios da clínica na contemporaneidade**. Salvador: EdUFBA, 2007.

KUPFER, M. C.; PATTO, M. H. S.; VOLTOLINI, R. (org.). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta, 2017.

LACAN, J. (1961-1962) **O Seminário IX: a identificação**. Tradução Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. **Seminário, livro 20 mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAZNIK, M. C. **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, 2013.

LEITE, N. V. A.; SOUZA JR., P. S. Corpo e língua materna. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LERNER, A. B. C. A escrita e a psicose: uma proposta de tratamento. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 138-153, maio/jul. 2008.

MALEVAL, J.-C. **O autista e sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

MALEVAL, J.-C. Da estrutura autista. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 4-38, 2018. Disponível em: <https://www.radiolacan.com/pt/topic/1029>. Acesso em: 29 fev. 2023.

MALEVAL, J.-C. Atracción del signo para el autista. **Revista Lapso**, n. 4, 2019. Disponível em: <http://matpsil.com/revista-lapso/wp-content/uploads/sites/5/2019/06/LAPSO-n%C2%B0-4-MALEVAL-Atraccio%CC%81n-del-signo-para-el-autista.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2023.

MCEWAN, I. **Reparação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ORRADO, I.; VIVÈS, J. **Autismo e mediação: uma solução para cada um**. São Paulo: Aller, 2021.

- | “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução A. Chelini, J. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VORCARO, A. M. R. Um refrão surdo ressoa no corpo. *In*: BURGARELLI, C. G. (org.). **Padecer do significante: a questão do sujeito**. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SILVA, Elisângela Maria da; CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima. “Arthur: um autista no século XIX”: um convite a refletir sobre a importância da linguagem escrita terapêutica. **Revista do GEL**, v. 20, n. 2, p. 267-288, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 14/03/2023 | Aceito em: 16/10/2023.

---